

Questões Contextualizadas nos Vestibulares

Uma maneira criativa de elaborar questões contextualizadas e operatórias verificadas nas provas de História dos últimos vestibulares do País tem sido a utilização de cantigas populares, músicas de protesto, cantos regionais, marchinhas carnavalescas e poesias de cordel nos comandos das questões. Na última avaliação do PAS/UnB – 3ª etapa – por exemplo, foi abordado no comando da questão 40, o samba *Retrato do Velho*, de autoria de Marino Pinto e Haroldo

Lobo: “Bota o retrato do velho outra vez / bota no mesmo lugar / o sorriso do velhinho faz a gente se animar... / o sorriso do velhinho faz a gente trabalhar”.

A partir deste trecho, os itens que deveriam ser julgados como verdadeiros ou falsos, versavam

sobre o populismo de forma geral e as peculiaridades do Varguismo nos anos 30 e 50, com referências ao trabalhismo, ao DIP e ao contexto mundial em que ocorreu a ascensão de Getúlio à condição de presidente do Brasil. Imaginem agora, a música Dr. Getúlio, de autoria de Chico Buarque para a peça homônima de Dias Gomes e Ferreira Goulart em 1983, como texto de consulta para julgar os itens de uma suposta questão do vestibular. Sem a metáfora, que é um traço típico do autor, a música faz referências diretas a Vargas, tais como: “Foi o chefe mais amado da nação / desde o sucesso da revolução / liderando os liberais / foi o pai dos mais humildes brasileiros / lutando contra grupos financeiros / e altos interesses internacionais... / os nossos corações hão de ser nossos / a terra, o nosso sangue, os nossos poços / o petróleo é nosso...”

A sequência dos versos dessa canção demonstra com clareza a ro-

ta política de Vargas, sua luta contra o imperialismo, seu caráter nacionalista através da campanha “O petróleo é nosso” e a comoção nacional com o seu suicídio. Em uma questão discursiva – tipo 2ª fase da Unicamp – por exemplo, o vestibulando poderia ser inquirido sobre esses temas da “Era Vargas” de forma indireta, ou seja, tendo que enxergar na letra da música os fatos históricos com capacidade de crítica e análise. Não é a toa que chamamos a atenção para essa possibilidade.

A Unicamp certa vez formulou uma questão que pedia para os candidatos analisarem dois momentos históricos do Brasil – 1968, o ingresso formal na ditadura militar e 1985, o fim do ciclo de presidentes militares – a partir das músicas *Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré, e *Homem Primate*, da banda Titãs. Essa questão acabou se tornando um exercício constante em vários livros de história.

Vários compositores da MPB têm obras para o cinema e o teatro brasileiros, mas Chico Buarque talvez seja o que melhor se destaca na condição de cronista social da história brasileira, não apenas por suas canções de protesto nos “anos de chumbo” como *Apesar de você* ou *Cálice*, mas também por obras primas como *Fado tropical*: “Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal / ainda vai tornar-se um imenso Portugal... / um império colonial...” Ou ainda, as canções feitas em parceria com Ruy Guerra para a peça *Calabar* de 1973, onde tentam resgatar a discussão sobre o dubio papel do mestiço Domingos Fernandes Calabar durante a presença holandesa no Brasil colonial, além de abordar aspectos étnicos, a mesti-

çagem e a sociedade patriarcal do engenho nordestino.

O compositor chega a ser tão amplo nesse aspecto da contextualização histórica que criou *Tanto mar*, música que ressalta a Revolução dos Cravos em Portugal (1974), que acabou com a já anacrônica ditadura salazarista, porém usando um tom quase melancólico, pois o Brasil vivenciava ainda a franca ditadura militar.

“Sei que estás em festa, pá
Fico contente
E enquanto estou ausente
Guarda um cravo para mim

Eu queria estar na festa, pá
Com a tua gente
E olhar pessoalmente
Uma flor do teu jardim

Sei que há léguas a nos separar
Tanto mar, tanto mar
Sei quanto é preciso, pá
Navegar, navegar

Lá faz primavera, pá
Cá estou doente
Manda urgentemente
Algum cheirinho de alecrim”
(1ª versão censurada)

No último vestibular da UnB as questões de 11 a 13 da prova de História tiveram como texto para consulta o poema Epitáfio para o século XX, de Affonso Romano de Santana e ainda a primeira questão dessa mesma prova utilizou-se de um poema de Carlos Drummond de Andrade para abordar o tempo histórico em uma bela questão sobre teoria.

Charges e mapas também podem constar na prova, tanto do PAS quanto nos vestibulares tradicionais. Dois bons livros de charges são *Capitalismo para principiantes* e *História do Brasil para principiantes*, ambos do mesmo autor, Carlos Eduardo Novaes.

Agora, aproveitando o tema 500 anos do descobrimento, tão em voga na mídia, resolva esses exemplos de questões contextualizadas que se seguem. Boa sorte e até a próxima semana.

ROBSON ARRAIS

Professor de História do Curso Galois

Responda

(Renato Russo)

“A novidade que tem no Brejo da Cruz

é a criançada a se alimentar de luz(...)

Eletrizados cruzam os céus do Brasil

Na rodoviária assumem formas mil

uns vendem fumo
Tem uns que viram Jesus
Muito sanfoneiro cego
tocando blues
uns têm saudade e dançam maracatus
uns atiram pedras
outros passeiam nus (...)

Sobre os temas sugeridos ou implícitos nos textos acima, julgue os itens.

() Podemos interpretar que, criticando problemas sociais do Brasil de seu tempo, o compositor Chico Buarque usa a expressão “Brejo da Cruz” como uma conclusão final a sequência de nomes que o nosso País recebeu a partir do descobrimento: Monte Pascoal, Ilha de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz e Brasil.

() A expressão usada pelo autor do 2º trecho faz menção às formas de conquista portuguesa sobre os índios que são: o cristianismo, as doenças trazidas pelo branco e o escambo com o pau-brasil.

() A exploração do pau-brasil foi bastante lucrativa para os portugueses, que bem aparelhados e sistemáticos tiveram um único e grave problema na exploração: o caráter predatório.

() O autor do primeiro texto também faz referência, nas classes desprivilegiadas, de hábitos daqueles “primeiros moradores” do Brasil: os índios, confirmando um certo trecho da famosa “certidão de nascimento” do Brasil que é: “são alvos, de cabelos torceados, narizes finos e não escondem suas vergonhas”.

() Em “não ser atacado por ser inocente”, um dos autores está afirmando que o início da dizimação dos índios brasileiros foi fruto da covardia dos colonizadores portugueses e assim ignora que mesmo antes da colonização do Brasil verificou-se guerras entre tribos por terras, principalmente às margens de rios brasileiros.



(Chico Buarque)

“Quem me dera ao menos uma vez entender

como um só Deus ao mesmo tempo é três(...)

e esse mesmo Deus foi morto por vocês...

Quem me dera ao menos uma vez como a

mais bela tribo dos mais belos índios

não ser atacado por ser inocente(...)

Nos deram espelhos e vimos um mundo doente”.